
HISTÓRIA DE VIDA E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE UM PROFESSOR DE ALUNOS CEGOS NO CADV –MOSSORÓ

Glaedes Ponte de Carvalho Sousa¹
Marcos Randall Oliveira Freitas²
Janssen Klauss do Nascimento Dias e Xavier³

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o percurso autoformativo e experiência de vida de um professor de discentes cegos e com baixa visão no Centro de Apoio ao Deficiente Visual-CADV localizado na cidade de Mossoró-RN. A pesquisa aqui apresentada foi produzida a partir dos pressupostos da abordagem qualitativa aliada ao método (auto)biográfico. As reflexões serão feitas a luz de teóricos como Nóvoa (1992), Cunha (1996), Huberman (1992), Josso (1988), Dominicé (1988), Larrosa (1996), Freire (2014) entre outros, estes autores afirmam que ouvir as narrativas das histórias que compõem a vida dos docentes é oportunizar momentos de reflexão, apresentando alternativas que podem ajudar na sua formação e na de outros. A partir de sua narrativa e da análise das informações contidas no depoimento observa-se que foi na prática com os discentes cegos que o docente vivenciou o percurso formativo de seus alunos bem como o fez refletir sobre sua própria formação docente.

Palavras-chave: Autoformação. Professor. Narrativas.

Abstract

This article proposes a reflection about the self-study course and life experience of a teacher of blind and low-vision students at the Center for Support to the Visual Impairment-CADV located in the city of Mossoró-RN. The research presented here was produced from the assumptions of the qualitative approach allied to the (auto) biographical method. The reflections will be made in the light of theoreticians such as Nóvoa (1992), Cunha (1996),

¹ Mestranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PosEduc) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semiárido- UFRSA. Especialista em Libras pela Universidade Cândido Mendes. glaedes.sousa@ufersa.edu.br

² Mestrando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PosEduc) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Graduado em Letras com habilitação em Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Ceará (UFC). Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas pela Universidade Cândido Mendes. randall.ufc@gmail.com

³ Graduado em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Educação (PosEduc) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. janssenklauss@gmail.com

Huberman (1992), Josso (1988), Dominicé (1988), Larrosa (1996), Freire (2014) Listening to the narratives of the stories that compose the life of the teachers is to offer moments of reflection, presenting alternatives that can help in their formation and that of others. From his narrative and the analysis of the information contained in the testimony it is observed that it was in practice with the blind students that the teacher experienced the formative course of his students as well as made him reflect on his own teacher training.

Key words: Self-training. Teacher. Narratives

1. Introdução

As histórias de vida de professores têm sido alvo de constantes investigações por parte de pesquisadores da educação, este artigo discorre sobre o percurso auto formativo e experiência de vida de um professor de discentes cegos e com baixa visão no Centro de Apoio ao Deficiente Visual-CADV localizado na cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. Acredita-se que conhecer as narrativas das histórias de vida dos docentes é oportunizar momentos de reflexão do que já foi vivido com a perspectiva do presente, apresentando alternativas que possam contribuir na auto formação pessoal e profissional.

Refletiremos sobre conceitos que configuram os estudos do método (auto) biográfico como instrumento importante na pesquisa e formação docente. O ato de narrar e refletir sobre si mesmo nos contextos históricos contribui não só para formação docente, mas também para várias dimensões da vida. No caso deste artigo veremos como um docente de alunos cegos narra a si mesmo e como essa narrativa contribui para sua auto formação.

Inicialmente discorreremos sobre o a importância do método (auto) biográfico através de uma pesquisa bibliográfica de alguns autores que defendem esse método como valioso instrumento de pesquisa na área educacional e como os recursos da memória individual e coletiva podem ajudar a pensar os processos pessoais e sociais da vida humana. Posteriormente, apresentamos as narrativas de um docente do Centro de Apoio ao Deficiente Visual-CADV e suas concepções acerca do processo auto formativo através das vivências com os discentes cegos da instituição e como sua experiência de vida contribuiu para sua formação.

2. Método (auto) biográfico e história oral: um acordar para a reflexão docente.

As pesquisas sobre história oral surgiram com o movimento da École des Annales,

com o estudo dos excluídos da história. Houve uma expansão na virada dos anos 70 e no decorrer dos anos 80, quando se registraram grandes transformações nos diferentes campos da pesquisa histórica; Ferreira (1994, p. 15) afirma que:

Na última década registraram-se transformações importantes nos diferentes campos da pesquisa histórica. Revalorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Paralelamente, ganhou novo impulso a história cultural, ocorreu um renascimento do estudo do político e incorporou-se o estudo do contemporâneo.

No decorrer das décadas vários foram os pesquisadores que se adentraram ao universo das histórias de vidas de professores, destacamos as reflexões feitas a pôr teóricos como Nóvoa (1992), Cunha (1996), Huberman (1992), Josso (1988), Dominicé (1988), Larrosa (1996), Bueno (1998) Ferrarotti (2010) entre outros, estes autores afirmam que ouvir as narrativas das histórias que compõem a vida dos docentes é oportunizar momentos de reflexão, apresentando alternativas que podem ajudar na sua formação e na de outros. Para Nóvoa (1988), a utilização das histórias de vida ou do método biográfico faz parte de uma linha inovadora de estudos que têm favorecido a busca de uma nova epistemologia da formação.

Ao escolher fazer uma pesquisa baseada nas experiências de vida e formação precisa-se refletir em Ferrarotti (2010, p. 46) quando afirma que “[...] toda a narrativa de um acontecimento ou de uma vida é, por sua vez, um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social [...] os momentos vividos são constituídos por pessoas, nos quais há uma interação do *eu* com o *outro*, pois as histórias de vida, que se entrelaçam, se tocam e se formam”. Sendo assim as narrativas se fundem em momentos de crescimento e formação onde o contato com o outro se faz necessário para a ressignificação do sujeito.

O docente aprende e ensina quando narra suas experiências de forma reflexivas a outros. Nessa perspectiva, (FREIRE, 2014, p. 47) aconselha que:

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições: um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da

tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2014, p. 47).

Ao organizar suas ideias ele aprende pois busca dar sentido a elas e novos aprendizados vão surgindo, para si. Ensina a outros, pois, diante das narrativas e dos saberes de experiências outras pessoas podem (re) significar seus próprios saberes e experiências. No entanto, somos envolvidos cotidianamente numa espiral de ação sem reflexão, muitas vezes fazemos algo porque todos fazem ou porque nos disseram que é assim que se age (CUNHA, 1997).

Diante desta nova metodologia de investigação podemos perceber que é crescente os pesquisadores que mergulham neste universo de saberes e memórias. A necessidade da academia abraçar esta metodologia de pesquisa é crescente e necessária pois conforme Nóvoa (1992, p.24) tradicionalmente, os cursos de formação de professores têm ignorado o desenvolvimento pessoal de cada um, confundindo o “formar e formar-se, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação”. O mesmo autor reforça que

Está em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (...). A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as críticas e da construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (Nóvoa, 1995, p. 25).

As experiências formadoras podem vir do docente ou do discente que juntos constroem uma relação de troca e aprendizagem. Para que haja um sentido nas histórias de vida dos docentes é preciso que esses processos formativos aconteçam de forma reflexiva condensando suas experiências as experiências de outros. Tardif (1999, p. 4) ressalta, que:

se admitirmos que o movimento de profissionalização é, em grande parte, uma tentativa de renovar os fundamentos epistemológicos do ofício de professor, então devemos examinar seriamente a natureza desses fundamentos e extrair daí elementos que nos permitam entrar num processo reflexivo e crítico sobre nossas próprias práticas como formadores e como pesquisadores (Tardif, 1999, p. 4).

São as práticas que nos interessam neste estudo. O método (auto) biográfico permite essa reflexão crítica sobre a prática docente de forma que outros docentes ao ler os relatos possam também se formar a partir de das experiências do sujeito da pesquisa.

3. Relatos de um caminhar para a auto formação docente

O método (auto) biográfico é utilizado como um mecanismo que enaltece as vozes dos sujeitos que, muitas vezes, são esquecidas ou silenciadas por contextos conflitantes ou situações do cotidiano. As histórias de vida dos sujeitos estão inseridas na história “oficial” de um povo e traz a tona a o núcleo da formação de uma sociedade.

Bueno (1998, p. 29), reflete que “o prazer de narrar-se favorece a construção da memória pessoal e coletiva, inserindo o indivíduo nas histórias e permitindo-lhe, a partir destas tentativas, compreender e atuar”. Utilizar a abordagem (auto) biográfica implica refletir e discutir a formação dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, pois:

[...] por um lado ela permite identificar as características seguidas pelos formadores na sua própria dinâmica de formação e na aquisição de competências técnicas específicas à função que desempenham; por outro lado, ela facilita a definição dos saberes e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 26).

A narrativa (auto) biográfica do docente e o arcabouço teórico base para a construção desta pesquisa busca trazer reflexões sobre a importância da história de vida de cada indivíduo em seu processo de (re) construção.

Nesta pesquisa o sujeito em questão fez um recorte em sua história de vida e narra um período que compreendeu desde sua entrada como estudante no nível superior até sua participação como diretor do Centro de Apoio ao Deficiente Visual-CADV localizado na cidade de Mossoró-RN.

O professor ao narrar sobre sua formação inicial fala sobre sua infância, ressalta a escola pública como início de sua formação. O papel da escola na vida de um sujeito é muito importante para a vida social e acadêmica futura:

Eu sou aqui mesmo de Mossoró e sempre estudei em escola pública e como qualquer uma outra criança uma infância normal, tá certo, dentro do que a gente chama de normal, sem nenhum traço especial a gente pudesse

G. P. DE CARVALHO SOUSA, M. R. O. FREITAS, J. K. DO NASCIMENTO DIAS E XAVIER

destacar... Estudei sempre em escola pública, comecei no 30 de setembro que hoje é estadual, tá, estudei todo o meu tempo lá, enfim, quando terminei passei então para o ensino superior, tá. (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

Na continuação de seu relato sobre sua formação, o professor ratifica a importância da versatilidade como característica pessoal e inerente de sua profissão.

A minha formação, sou graduado em educação física aqui pela nossa universidade, na licenciatura, sou também graduado em comunicação social também pela nossa universidade, Estado do Rio Grande do Norte e demais cursos que eu fiz na minha formação como especialização, mestrado em educação, certo? e a minha chegada aqui ao CADV: eu sempre me considerei e me considero uma pessoa muito versátil; aquela pessoa que sabe fazer um pouco de tudo ou pelo menos tenta fazer um pouco de tudo. Educação física é um campo bem próprio para isso, nos professores, educadores de educação física fazemos de tudo um pouco. Isso já me dá também essa facilidade desse caminho e durante assim a minha vida trabalhei em diversos locais, desde vendedor a professor de sala de aula e outras disciplinas, etc. O que eu quero dizer com isso é que sempre fui uma pessoa muito versátil né? Diversas áreas, diversos campos da vida, até na parte também artística, como eu tenho alguns trabalhos, se interessar depois posso falar sobre eles. (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

Ao discutir sobre educação especial, o co-pesquisador ressalta a importância do perfil do professor para trabalhar com inclusão de alunos cegos, independentemente de sua formação. Para que o professor faça um bom trabalho, é necessário o conhecimento de si e o reconhecimento dos sujeitos envolvidos. Ademais, é importante uma constante autoanálise e reconstrução na formação.

Estava sem professor aqui no Centro e alguns alunos procuraram a secretaria de educação e indicaram alguns nomes, vieram professores que também por alguma razão não continuaram, foi quando chega a minha vez, em 2005 um grupo de alunos aqui do centro de apoio, cegos, foram a minha casa e disseram, [...]você vai trabalhar com a gente, nós estamos sem professor e você tem jeito para isso, nós chamamos de perfil eu repito. E aí eu fiquei. (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

Sua inserção no CADV foi um impulsionador na busca da auto formação, o que era então desconhecido pelo professor passou a fazer parte de seu cotidiano de pesquisa trazendo em seu percurso auto formativo a evolução do fazer pedagógico.

Então eu vim pra cá, peguei nos livros, peguei nas apostilas, pegue as informações dos anteriores, tá? Vídeos, enfim eu trabalhei e fui aprendendo com eles, na prática mesmo aqui no centro a ponto de me especializar em orientação e mobilidade, com alguns cursos e inclusive defendi no meu mestrado essa minha experiência de trabalhar com aquelas pessoas que precisam do outro nessa função, em deslocar. A mobilidade é isso e a orientação. Então foi assim eu cheguei aqui ao CADV e foi assim que eu continuei o meu trabalho a ponto de está até hoje ainda nessa área. Educação inclusiva e educação especial e trabalhando especificamente orientação e mobilidade. Hoje aqui no cadv eu ocupo também uma função de diretor que aí me cabe ver um pouco de tudo, tanto o braile como as demais modalidades que a gente oferece para eles. (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

Ao ser perguntado sobre as mudanças que teve que fazer e que formações teve de buscar para atender ao contexto educativo a que estava inserido naquele momento o professor em sua narrativa revela a preocupação em obter as informações necessárias para seu aprofundamento aos conhecimentos das metodologias aplicadas na aprendizagem de discentes cegos.

Seria o braile, o sistema e escrita braile, orientação e mobilidade a que eu me refiro, nos temos aqui a escrita cursiva; aquelas pessoas que deixaram pela perda da visão de escrever com seu próprio punho os seus nomes, né? Então, Não é por isso que elas vão deixar de assinar, nos temos a escrita cursiva, uma modalidade que a gente trabalha com eles. Atividade da vida autônoma, também aquelas posturas ou aquilo que ele faz no dia a dia por eles perder a visão ele não pode deixar de fazer, nos orientamos também isso aí, aqui no CADV, na utilidade ou no uso da matemática nos temos o soroban, professores aqui especializados e que eu tenho também uma visão de tudo isso aqui, além do apoio pedagógico, não é? Essas pessoas que estão em escola, principalmente, estudando, eles precisam de um apoio pedagógico e que nós fazemos aqui também. Então é assim, é um conjunto, é um todo que, de que a gente oferece pra essas pessoas que frequentam aqui o nosso centro e que eu dou a minha colaboração e minha parte há muito tempo né, desde 2006, 2006 então já temos uma caminhada aí e daqui mesmo do CADV. (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

Através de fragmentos da memória o professor pôde perceber sua (auto) formação, pois, percebia a si e ao outro em sua própria história de vida transformando o momento numa ferramenta de conhecimento, através da reflexão a partir de sua voz, de sua história, de suas expressões uma forma única de trabalhar sua experiência de vida e formação docente.

Enquanto se caminha para si é a formação é produzida, conforme afirma Josso, (2004, p.58):

O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências de que este conhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para ser um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

A experiência em si não é o único fator para a formação, mas como o sujeito reflete sobre sua experiência a modifica suas ações e atitudes por meio dessa reflexão e autoconhecimento. Não é tão fácil fazer uma análise de si mesmo, mas é crucial que isso aconteça para que haja uma transformação que passa pela esfera individual e coletiva.

Neste sentido, temos a lição de Freire (2014, p. 33) ao afirmar que “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

O professor trouxe ao seu relato, experiências exitosas de algum de seus alunos, através da utilização de diálogo, metodologia e práticas pedagógicas diferenciadas, fundamentando as conquistas, superações e resgate da auto-estima de cada sujeito, considerando evidentemente as suas especificidades, contextos e particularidades:

Mas teve um senhor que voltou pra Bahia agora, ele chegou, ele ficou cego lá na Bahia com 50 anos de idade e a vida dele estava terminada como ele mesmo diz, disse, né? ficou dentro de uma rede lá na família, enfim a depressão infelizmente chegou e uma situação delicada (...)Ele não estudava mais, estudou pouco, não tinha interesse em estudar, enfim no momento os interesses dele eram quase nada, apenas para sair de casa e tentar ver, encarar essa nova vida dele, e foi comigo a primeira experiência dele em orientação e mobilidade, o foi que a gente fez, iniciou, como eu lhe disse a pouco tempo, na conversa, no diálogo, então ao invés de eu ficar sentado aqui numa sala com ele conversando, eu fui andar com ele. (...)comecei a trabalhar orientação e mobilidade com ele e fui sentindo aos poucos e aos muito também, o comportamento dele, a diferença dele(...)Ele, depois de, acho que um ano e dois, vou botar dois anos, o filho dele veio de Salvador, da Bahia e levou ele num período de carnaval, este homem mandou pra gente fotos, pulando o carnaval lá na praça, tomando cerveja e dizendo a vida dele era outra. (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

O professor cita também outro exemplo, dentre as tantas histórias de vida e de superação presenciadas pelos profissionais que compõem o CADV em Mossoró e dentro deste desafio diário de não se prender a processos verticais e imutáveis de ensino (Freire, 2014, p. 112), afirma: “Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente que jamais deixou de provar que o ser humano é maior que os mecanismos que o minimizam”.

Um outro caso que eu vou dizer bem rapidinho que eu vou dizer é de superação também, esse aluno é de Caraúbas e morava aqui em Mossoró e quando veio também para mim fazer o trabalho de orientação e mobilidade eu via a carência, eu chamo a carência dele até no andar. Não tinha coordenação motora, não sabia andar, se é que vou usar esse termo, sabe era sendo puxado pelo braço, era assim uma coisa, meu Deus. (...)A gente consegue primeiro com a confiança, sabe, assim, pode ser subjetivo isso, mas ele também é uma particularidade que eu digo pela experiência, eles são muito afetivos as pessoas que vem pra ajuda-los e sentem também quando a pessoa é verdadeira ou não, acho que isso todos nos sentimos, não é? (...), pra andar eu uso a técnica de orientação e mobilidade pela experiência que eu tenho, pelo que já li, pelos cursos e ele se sente primeira coisa seguro, né? Sabe que não vão bater em algo, sabe que não vão cair, sabe que tem essa confiança em mim né, eu usando as técnicas de orientação e mobilidade. e assim eu fiz também com ele. Terminamos participando de corrida de Santa Luzia. . (Trecho da narrativa do co-pesquisador)

A reflexão sobre as ações traz caminhos que levam o docente para uma contínua (trans)formação em suas práticas pedagógicas nos espaços educacionais inclusivos. Enfrentar os novos desafios é ter coragem suficiente para transformar-se e se desprender das amarras e limitações próprias e impostas pela sociedade desprovida de informações sobre como respeitar ao próximo e demonstrar solidariedade.

4. Reflexões sobre o percurso formativo:

A partir de sua narrativa e da análise das informações contidas em seu depoimento observa-se que foi na prática, trabalhando diretamente com os discentes cegos através da orientação e mobilidade que o docente vivenciou o percurso formativo de seus alunos bem como o fez refletir sobre sua própria formação docente.

O conhecimento metodológico do docente se concretizou a partir de sua vivência e necessidade sendo necessário formação em métodos específicos para o atendimento eficiente ao aluno cego, destacando-se o sistema de escrita braille, técnicas de orientação e mobilidade, treinamento da escrita cursiva, uso da bengala e treinamento para atividades da vida

autônoma.

Baseado em suas observações e reflexões percebe-se na narrativa do docente a necessidade que este sente em alertar as pessoas com deficiência visual e a sociedade acerca das potencialidades humanas, como também a necessidade de uma mobilidade urbana eficiente, metodologia inclusiva nas escolas e universidades, treinamentos dos docentes e adequação das metodologias de ensino já existentes aliadas às tecnologias assistivas.

Em sua narrativa são reveladas possibilidades e estratégias que esperamos poder auxiliar outros professores nas práticas pedagógicas com alunos cegos ou com baixa visão e favorecer uma reflexão crítica sobre a importância de promover mudanças favoráveis que tornem acessível à inserção do deficiente visual no ensino básico e superior bem como no seio da sociedade como um todo.

Diante da vivência do professor, observa-se seu próprio processo de formação, os pessoais e profissionais, resultado do contato com os discentes e de sua experiência e estudo constante o que é chamado por Josso (2004, p. 41) de “experiência formadora”. Ao incluir-se no CADV como professor, tendo mantido sua profissionalidade, foi possível aventurar-se nas relações estabelecidas entre o vivido nos espaços de formação e sua auto formação.

É preciso coragem para parar e olhar para trás, olhar para o percurso, apurar os sentimentos, entrar em contato com o vivido e recuperar o passado pensando no presente foi isso que o docente aqui entrevistado fez em todo o momento de sua (auto)biografia.

Para Pierre Dominicé o estudo (auto) biográfico na Educação é denominado como “biografia educativa”, isso porque procura percorrer a trajetória educativa do indivíduo, para a partir dela compreender os elementos significativos para o sujeito, o autor relata o objetivo do estudo autobiográfico com adultos em formação, conforme Dominicé(1992, p.75)

O relato autobiográfico é um instrumento cuja utilização depende sempre do objetivo visado pela pesquisa [...]Ao pedir aos adultos para percorrer sua trajetória educativa, para dela extrair os elementos formadores, eu solicito uma informação muito pessoal, que eles fornecerão de acordo com o modo que lhes convier [...] a descoberta de que a dimensão formadora dos relatos constituir-se-ia numa das condições para a qualidade da pesquisa, convenceu-me definitivamente sobre a necessidade de dar liberdade aos autores na apresentação dos relatos.

O processo de auto formação docente passa pelas relações familiares, escolares e profissionais. A constituição se dá por vocação, por formação acadêmica, pela prática pedagógica, pela interlocução com os pares, pela reflexão do que se é pelo0 que se deseja ser.

5. Conclusão

Para um docente é importante lembrar-se dos percalços do que sentiu ou enfrentou no processo de (auto) formação pois este está constantemente lidando com a aprendizagem de outras pessoas. Neste sentido ao lembrar-se da própria aprendizagem o docente se torna mais sensível às formas de aprendizagem de seus alunos.

As memórias individuais refletem toda uma bagagem de conhecimento e experiências quanto a concepção de educação que cada professor tem. Sendo assim este pode refletir sobre sua própria prática pedagógica e caminhos que percorreu de forma a selecionar e repensar sua prática.

No caso da nossa pesquisa com o professor do CADV percebe-se que, além dos recursos didáticos pedagógicos disponíveis o diálogo e alteridade foram caminhos utilizados para esse aperfeiçoamento e (auto) formação. Conhecendo o sujeito e suas especificidades foram possíveis chegar mais facilmente aos objetivos de uma aprendizagem eficaz, que proporcione não apenas aprender, mas uma nova forma de vida, de encarar os desafios diários com superação, independência e resgatando a autoestima, muitas vezes perdida pelos discentes cegos.

Rememorar afeta a prática docente sabe-se que a sala de aula é complexa por natureza, muitas vezes as ações que tomamos são imediatas e momentâneas sendo necessário um olhar para além da sala de aula e um olhar interno, reflexivo e crítico sobre a prática. Foi isso o que observamos nesta pesquisa.

A formação docente é um processo permanente do professor que acontece desde a sua opção pela profissão até o ingresso na carreira e por toda a sua vida o que pode nos remeter aos ciclos de vida apontados por Huberman (1992), incluindo os problemas do sujeito e da profissão, ou seja, os limites, as aspirações e os caminhos percorridos. A auto formação é fundamental para que aconteça mudança na prática do professor a partir de uma mudança nele mesmo.

Podemos afirmar que necessidades, dificuldades e escolhas são possibilidades de auto formação; no momento em que o sujeito toma consciência das suas necessidades e

dificuldades, acontece o processo de auto formação do docente de alunos cegos, esperamos contribuir com esse processo de inclusão do aluno cego em todos os ambientes sociais e que outros professores possam se autoformar a partir da narrativa de quem tem experiência de vida para contribuir para o bem.

A partir de sua narrativa e da análise das informações contidas no depoimento observa-se que foi na prática com os discentes cegos que o docente vivenciou o percurso formativo de seus alunos bem como o fez refletir sobre sua própria formação docente.

Referências

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Tradução de Ernesto Sampaio, Lisboa: Imanedições, 1998

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUENO, Belmira Oliveira et al. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003)**. Educação e Pesquisa. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 3 ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, Jomtien, 1990.

Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais - Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade, na cidade de Salamanca, Espanha, 10 de Junho de 1994.

DOMINICÉ, Pierre. **A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos**. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. O método (auto) biográfico e a Formação. Natal, EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 3 ed. 2004.

FERRAROTTI, F. (1988). **Sobre a Autonomia do Método Biográfico**. In Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.), **O Método (auto) biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde -

Departamento de Recursos Humanos. 154

FINGER, (1988). **As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico**. In Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.), **O Método (auto) biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde - Departamento de Recursos Humanos.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, F. de; GALVÃO, C.. **O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores**. Ciências & Cognição; Ano 04, vol.12, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**/ Francisco Imbernón. – 6.ed, cortez, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, M. C. **Da formação do sujeito ao sujeito da formação**. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, M. C. **A experiência de vida e formação**. 2 ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Pesquisa (auto) biográfica & Educação. (Série Clássicos das Histórias de Vida).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MOMBERGER, Christine Delory. **Biografia, Corpo, Espaço**. In: In: Tendências da pesquisa (auto) biográfica/Maria da Conceição Passeggi (Org.)- Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, p. 155, 1995.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente.** Trabalho publicado nos Anais do II Colóquio Nacional da AFIRSE – UNB – set/2003.

PINEAU, G. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação formação existencial.** Educação e Pesquisa, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação.** In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 82-97.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida como artes formadoras da existência.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 42-59.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, Dora Rocha, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da Razão Indolente Contra o Desperdício da Experiência.** Cortez, 6 ed., 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 7 ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.